

Problemas públicos e mobilizações  
coletivas em Nova Iguaçu



CONSELHO EDITORIAL

Bertha K. Becker (*in memoriam*)

Candido Mendes

Cristovam Buarque

Ignacy Sachs

Jurandir Freire Costa

Ladislau Dowbor

Pierre Salama

Jussara Freire

Problemas públicos e mobilizações  
coletivas em Nova Iguaçu

G a r a m o n d

Copyright © Jussara Freire, 2016  
Direitos cedidos para esta edição à  
**Editora Garamond Ltda.**  
Rua Candido de Oliveira, 43/Sala 101–Rio Comprido  
Rio de Janeiro–Brasil–20.261-115  
Tel: (21) 2504-9211  
editora@garamond.com.br

*Revisão*  
Alberto Almeida

*Editoração Eletrônica*  
Editora Garamond

*Capa*  
Estúdio Garamond  
Sobre foto de Flávio Lara.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

F933p

Freire, Jussara  
Problemas públicos e mobilizações coletivas em Nova Iguaçu /  
Jussara Freire. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Garamond, 2016.  
380 p. ; 21 cm.

ISBN 978857617445-5

1. Sociologia. I. Título.

16-37641

CDD: 305  
CDU: 316.7

---

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação,  
por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

*Para Pablo e Fábio*



# Sumário

<i>Agradecimentos</i> .....	9
<i>Apresentação</i> .....	17
<i>Prefácio</i> .....	27
Capítulo I. Introdução.....	37
Capítulo II. Problemas públicos, pragmatismo e a guinada “pragmática” em sociologia: o recorte analítico da pesquisa .....	83
Capítulo III. Ser da “Baixada Fluminense”: de uma identidade social a uma gramática política.....	121
Capítulo IV. Arenas públicas e mobilizações coletivas em Nova Iguaçu .....	217
Capítulo V. Considerações finais.....	343
Bibliografia .....	361



# Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles que, nos últimos quinze anos, ofereceram-me valiosos aprendizados, interlocuções, hospitalidade e amizade antes e desde minha chegada ao Brasil, momento que corresponde ao início da pesquisa que resulta neste livro. Agradeço em particular:

A Luiz Antonio Machado da Silva pela disponibilidade presencial e virtual desde que orientou minha pesquisa de doutorado até hoje. As relações tecidas com Machado me proporcionam, há anos, das mais estimulantes interlocuções e estranhamentos analíticos sem os quais o meu (progressivo) esforço de exercitar a simetria não teria seguido as direções que tomei. Também agradeço os inesquecíveis apoio e gestos de amizade nos momentos tensos; sem ele, meu engajamento acadêmico teria seguido outro rumo.

A todos os amigos e interlocutores de Nova Iguaçu que conheci desde 2002. Fiquei particularmente sensibilizada com a hospitalidade e atenção ímpares, e a preocupação de colaborar para minha pesquisa. Meu afeto com a Baixada é em grande parte resultante dos grandes encontros que tive em Nova Iguaçu, que me estimularam até hoje a “continuar na Baixada”, mesmo que hoje atue na UFF/Campos. Em particular, do primeiro momento de minha pesquisa na Baixada, agradeço a Aécio, Almeida, André, Azuleika, Bartíria Lima, Berriel e aos guardas de endemias, Bion e Luana, Cátia, Cezar Ray, Claudia, Cláudio, Cosminho, Dilceia Nahon, Ewerson, Flávio Medíci, Flávio P., Gabirú, Giordana, Henrique, Ivone Jerri, Jesué, Jorge, Jurandi, Lúcia e suas filhas, Lú, Luiz Cláudio, Lourdes, Marinaldo e Ana, Marcelo Peregrino, Moduan, Marquinho, Nélio, *Novo*, Ney, Percival, Rita, Rodinei, Rosangela, Rogério, Rosângela e suas filhas, Salvador, Sil e Moduan; Terezinha, Manoel Simões. Dos encontros

mais recentes, no segundo momento, que foram determinantes para atualizar minha pesquisa, agradeço em particular a Bion, Luana e Dudu de Morro Agudo.

Àqueles que me apresentaram à Baixada Fluminense pela primeira vez e, graças a suas atenções e acolhimento, iniciei esta pesquisa: Cesar de Queiroz Ribeiro, Tatiana Dahmer Pereira e Mauro Monteiro dos Santos.

Aos membros do Partido dos Trabalhadores de Nova Iguaçu, do Núcleo de Juventude do bairro Cacuia/PT, do Partido Comunista do Brasil de Nova Iguaçu, dos conselhos municipais que observei (em particular o da saúde).

A Roberto Lara, sem o qual não teria conseguido ler e compreender o livro da Baixada, aquele escrito por alguns de seus protagonistas, e me aproximar dos sentidos que esses atores conferiam à região e à cultura da Baixada. Obrigada ainda pela hospitalidade, companheirismo e densa interlocução e apoio em todos os momentos deste trabalho. É em grande parte graças a Roberto que a Baixada pôde tornar-se um acontecimento e um marco biográfico na minha trajetória. Foi também nestas conversas que minha interpretação da vida social tomou paulatinamente novos rumos. Agradeço ainda a Roberta, Vitor e Flávio Lara pela recepção e carinhos, além da ajuda fundamental no momento de finalização desta pesquisa.

A Hélio R. S. Silva e Inês Patrício, pelo acolhimento na casa do bairro Bandeirantes quando cheguei a Nova Iguaçu, e ainda pela amizade e interlocução densa. Também agradeço pelo convite de participar de primeiras atividades na Escola de Governo da Baixada Fluminense, coordenada por Inês Patrício.

A Renato Boschi, Maria Alice Rezende de Carvalho, Ricardo Benzaquen de Araújo, Lícia Valladares, Michel Misse, Marco Antonio da Silva Mello, Roberto Kant de Lima, bem como os pesquisadores do LEMETRO e do NUFEP (a todos eles, e particularmente a Soraya Simões, Paulo Thiago, Ana Paula Miranda, Kátia Santo-Sé, Gláucia Maria Ponte Mouzinho e Fábio Reis Mota);

A Lícia Valladares Filipina Chinelli, Sueli Malato Franco, Bianca

Freire-Medeiros e Lídia Medeiros, que na época de minha tese de doutorado abriram as portas do banco de dados;

Agradeço ainda às bibliotecárias da Fundação Cide e aos funcionários do arquivo da Diocese de Nova Iguaçu.

Aos órgãos de fomento, A CAPES, o CNPq e A FAPERJ, que financiaram esta pesquisa e aquelas que dela se desdobraram. Reforço meus agradecimentos à FAPERJ, que viabilizou a publicação deste livro.

Na França, aos membros do Groupe de Sociologie Politique et Morale (EHESS) que conheci em 2004: Luc Boltanski que foi meu supervisor de estágio, Elizabeth Claverie, Claudette Lafaye, Cyril Lemieux, Laurent Thévenot; o Centre d'Étude des Mouvements Sociaux-EHESS, Louis Quéré e os então doutorando que conheci na Oficina Espace Public, particularmente Susana Bleil, Marion Carrel e Alcía Marquez. Agradeço em particular a Daniel Cefaï, que foi meu professor desde a graduação, pela disponibilidade e sugestões tanto durante a tese quanto durante a elaboração deste livro. A Bruno Latour, por ter-me aceito para participar de seus seminários no Centre de Sociologie d'innovation durante meu estágio de doutoramento ("bolsa sanduíche"), outra experiência marcante na minha biografia acadêmica. A Marc Breviglieri e Paola Diaz pelas trocas estimulantes no momento em que atualizava este livro.

Obrigada ao amigo e parceiro Alexandre Werneck pelos projetos e interlocuções durante e depois da tese de doutorado, cruciais para aperfeiçoar meu *mix* sociológico e tecer projetos comuns. Agradeço ainda a outros interlocutores que conheci graças a Alexandre Werneck, com os quais a reflexão sobre a moral como objeto da sociologia e antropologia tornou-se cada vez mais densa e instigante: Luis Roberto Cardoso de Oliveira, Patrice Schuch e Marcus Cardoso.

A Railson Nicácio, por ter revisto o texto de tese de doutorado em um prazo muito curto e em que meu português escrito era ainda muito afrancesado. A Ari Roitman pelo generoso copidesque deste livro, pela paciência com meu domínio limitado do português e por ter contribuído muito para estetizar meu texto.

Ainda agradeço a todos aqueles que me deram ânimo para dar

desdobramento a esta pesquisa após sua conclusão: aos amigos do Coletivo de Estudos sobre Violência e Sociabilidade (CEVIS): Márcia Leite pelo apoio constante, incentivo, amizade, interlocuções e todos os outros que me incentivaram a dar continuidade a este trabalho: Luis Carlos Fridman, Fábio Araújo, Cesar Pinheiro Teixeira, Juliana Farias, Carla Mattos, Lia de Mattos Rocha, Christina Vital Cunha, Wania Mesquita, Mariana Cavalcanti, Monique Carvalho, Bruno Coutinho, Marcella Carvalho.

A José Resende com o qual teci amizade e interlocuções densas em Campos em torno do “gesto pragmático” da sociologia

Aos amigos Gabriel David Noel e Natália Bermudez, pelo aprendizado decorrente de nossas interlocuções estimulantes, e cada vez mais estreitas, pelos novos horizontes que se abriram com as empreitadas dos grupos de trabalho que coordenamos na ANPOCS, no CAAS e na RAM.

A Valter Filé e às conversas inesquecíveis no IBMEC que foram centrais para até hoje definir posicionamentos acadêmicos;

Aos colegas da Universidade Federal Fluminense de Campos pela solidariedade, apoio e compreensão durante a redação deste livro e/ou pelos debates estimulantes em que todos me incentivaram em concluir este projeto: em particular, Antenora Siqueira, Glucia Mouzinho, Gabriela Scotto, Simone Silva, Carlos Eugênio Lemos, Elis Miranda, Marly Bastos Pessoa, Marluce Alves de Abreu Bastos, Beth Rueber, Jorginho Santos, Júlia Maria Neiva Mesquita Godinho, Rita Márcia Paixão, Socorro Lima, Érika Almeida, José Luiz Viana, Vanuza Pereira Ney, Vinicius Farias, Seu Jonas e Seu Gilberto, que viabilizaram minha circulação de Campos a Nova Iguaçu no segundo momento de minha pesquisa, a Mary e Geysel pelo cuidados cotidianos na UFF. Aos meus alunos da UFF/Campos que também me deram as energias para concretizar o projeto deste livro.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais pela confiança e pela oportunidade de uma nova experiência acadêmica em nível de pós-graduação. Agradeço ainda a Teresa Peixoto

Jesus Farias, Silvia Martinez e Marcelo Gantos pelas trocas desde que integrei este programa, outro incentivo para publicar este livro.

Aos queridos colegas e alunos do grupo de pesquisa Cidades, Espaços Públicos e Periferias (CE28), que se engajaram no meu projeto desafiador de criar um grupo de pesquisa em Campos dos Goytacazes e, com entusiasmo e suor coletivos, o efetivaram. Esse grupo de pesquisa, em Campos, foi de onde tirei minhas melhores energias para atualizar e publicar este trabalho. Agradeço a todos os membros do grupo: Manuela Blanc, Renan Assis, Carolina Siqueira, Natália Barros, Natália Soares, Thiara Mourão, Bruno Nogueira Viana, Raissa Moquiche, Ailton Gualande Junior, Tainá Santos, Viviany Ferreas, Heitor Campos e, em particular, a Diogo Cruz pelos inúmeros “apoios técnicos” na fase de elaboração do projeto de edição e de atualização deste livro.

A Tamara Egler que, com Elis Miranda, me fizeram descobrir novos e densos horizontes de campos e interlocuções para atizar meu interesse acadêmico em outros lugares;

À minha mãe, Marie-Christine, e irmãos, Sandro e Anaís, pelos contínuos apoios, incentivos e carinhos desde sempre, sem os quais não estaria onde me encontro hoje. Deste período de mais de quinze anos fora da minha terra natal, a saudade cotidiana de minha família foi, sem sombra de dúvida, a maior dificuldade da minha experiência semi-migrante no Brasil. Espero que este livro possa ser também lido como uma construção intelectual decorrente desta nossa história familiar, marcada pela trajetória de Aldo, pai de Sandro e meu, que se radicou na França, com minha mãe, nos anos de chumbo. Desta história, devo em grande parte os temas que estudo e o meu projeto de viver no Brasil.

À minha família potiguar (a lista é longa por ser muito extensa). Agradeço a todos e, em particular, a Alda e Arlindo que, quando me radiquei no estado do Rio, sempre foram extremamente presentes, carinhosos e atenciosos. Esse apoio foi de central importância para superar muitos momentos tensos no meu percurso migratório no Rio de Janeiro e para construir um projeto de vida no Brasil.

A Maria de Fatima Bento Pires Sabino, pelo apoio e carinho no dia a dia em Campos que permitiram que minha vida profissional pudesse se conciliar com a vida de mãe.

Aos órgãos de fomento, CAPES, CNPq e FAPERJ, que financiaram esta pesquisa e aquelas que dela se desdobraram. Reforço meus agradecimentos à FAPERJ que viabilizou a publicação deste livro.

E, *grand final*, a Hernán Armando Mamani por tudo. Marido, colega, amigo e parceiro, ímpar interlocutor, recebi de você todos os afetos e estímulos intelectuais que finalmente me permitiram projetar esta edição e publicar este trabalho. Obrigada pela presença e companheirismo para a finalização do texto, quando ambos estávamos intensamente engajados em uma pluralidade de mundos e em tentar “dar conta” de uma navegação intensa. Sem você, este livro não poderia nascer.

*Le Public, c'est l'ensemble encore inconnu créé de bric et de broc par les conséquences inattendues de nos actions – et par les conséquences également inattendues de nos efforts pour remédier à nos errements... L'Etat n'est que l'ensemble des spécialistes désignés pour s'occuper à plein temps de sonder ces surprenants effets: un moment d'inattention, et il cesse de représenter le Public pour devenir un lobby parmi d'autres. La République connaît le bien commun ; le Public l'explore à tâtons. Comme le Roi de jadis, "l'Etat ne peut mal faire" alors que le Public, ce sont des aveugles menés par des aveugles (...). Alors que la République s'exprime par ses porte-parole autorisés, le Public doit se représenter par l'invention continuelle de nouveaux canaux et de nouveaux modes d'expression. Devant le Public, il faut prouver à chaque fois la source de l'autorité.*

Bruno Latour, "Pourquoi Marianne n'a plus de lait?".  
In: *Le Monde*, 26 de outubro de 2003 (acesso em 3 de novembro de 2003).



# Apresentação

*Luiz Antonio Machado da Silva (IESP/UERJ)*

Raramente vejo apresentações e prefácios comentando a única imagem do autor acessível ao(s) outro(s), a que é projetada e, sempre parcialmente, controlada pelas pessoas durante suas relações cotidianas. No entanto, acho que uma ideia sobre “como elas (as pessoas) são” na vida diária pode ser decisiva para uma compreensão mais elaborada do texto que estiver em questão. Claro que, para citar o conceito de Archer, as *conversas interiores*, que constituem o autor e correspondem ao núcleo duro do produto objetivado no papel são, diretamente, inacessíveis. Mas uma janela privilegiada para entender a obra, na grande maioria das vezes disponível e ao mesmo tempo desprezada pelos responsáveis pela apresentação, deriva do conhecimento pessoal e do grau de intimidade existente entre o autor e o “autor” – no caso, eu mesmo – escolhido para apresentá-lo. Estou convencido de que o livro e sua apresentação expressam, no papel ou em algum equivalente virtual, *uma* experiência vivida a dois.

Portanto, vejo minha atribuição de apresentador como de dupla natureza: a) devo indicar ao leitor como vejo o caráter e a personalidade de uma amiga; b) devo indicar ao leitor como vejo, especificamente, o horizonte de sentido construído no trabalho que está sendo apresentado. Esta será a estrutura dos comentários que farei. A articulação entre as duas seções, que estou postulando como relevantes e interrelacionadas, deixo-a para o leitor que estiver interessado.

É desnecessário pedir que não se entenda de maneira grandiloquente este preâmbulo. Como regra geral, apresentações não são, ou não deveriam ser, mais do que despreziosos *trailers*, pequenas pistas selecionadas que não visam mais do que estimular uma leitura prazerosa e bem informada. Isso é tudo que pretendo.

## A autora

Como Jussara diz no prefácio, conhecemo-nos há bastante tempo: já lá se vão 14 anos de um convívio pessoal e intelectual bastante intenso, muito rapidamente gerador de uma amizade que, ao menos do meu ponto de vista, só fez aprofundar-se. Nossa relação não se iniciou por acaso: fui procurado (não sei, ou não me lembro, quem atuou como mediador) para orientar a pesquisa de doutorado que ela estava começando, de modo que desde o início a dimensão intelectual de nossas interações sempre foi central. Naquele primeiro momento, tipifiquei-a com certa facilidade ou, talvez, irresponsabilidade: tratava-se de uma jovem francesa republicana e idealista, muito séria e com ótima formação de base apesar de fortemente unilateral, que apresentava uma interessante mistura de ideias pré-concebidas e ricas pistas de investigação empírica. Jussara demonstrava ótima imaginação sociológica, mas estava claramente perdida no cipoal das ambiguidades de uma democracia “morena”, para usar o qualificativo de Leonel Brizola sobre o “socialismo à brasileira”, fundada em uma sociedade brutalmente desigual. O projeto de vida que ela menciona no prefácio e relaciona à experiência familiar, que a teria tornado uma “semi-migrante”, pareceu-me apenas a postura de uma estrangeira desarvorada e muito crítica das injustiças que grassam na vida diária do estranho mundo do subdesenvolvimento. Além disso, tive a certeza imediata de que ela era uma excelente ouvinte, tanto de seus colegas da academia, como eu mesmo, quanto do que dizem as pessoas comuns, atributo que permanece intocado; até hoje, nunca percebi nela nenhum indício de que algo que viu, ouviu ou leu foi considerado irrelevante. Para mim, ela sempre viveu, e dificilmente mudará, em um mundo de extrema responsabilidade moral e intelectual para com o que ouve e diz, atitude que muitas vezes a leva ao detalhismo, com sua dupla face, excelente para o trabalho de campo, mas problemático para a modelização sociológica. Até onde a conheço, Jussara não tem nenhuma sedução pelos riscos da generalização; para ela, é muito sofrido este salto inevitável, que implica uma modificação do acontecimento em si mesmo.

Racionalizar o fluxo da vida parece-me o grande desafio a que Jussara se propõe, e nessa atividade, que ela toma quase como uma obrigação moral, joga-se de corpo e alma. Ela sabe que o fluxo desaparece quando intelectualmente capturado na forma de um modelo, mesmo que seja um modelo processual, como os que ela constrói; fica angustiada e insatisfeita com essa transformação, retorna ao fluxo para capturar mais detalhes sobre os acontecimentos que os constituem, tentando reduzir os riscos de generalizações indevidas e, dessa maneira, alterando os modelos que construiu anteriormente, o que de novo a angustia...

É claro que a vida de Jussara não se resume à atividade intelectual: ela é mãe, tem uma família constituída, sente permanente saudade de seus ascendentes e colaterais, tem muitos amigos, é professora de cursos de graduação, etc. De todo modo, foi esse viés que nos aproximou, foi sobre ele que nossa amizade se desenvolveu e é a partir dele que nossa relação tem me influenciado sobremaneira. Eu diria que, em termos gerais (perdoe-me a irresponsabilidade, Jussara), nossas interações têm tido, nesses quinze anos, uma forma claramente especular: de um lado, contribuem para abrasileirar a jovem republicana francesa que escolheu o Brasil, de outro contribuem para desnaturalizar minha brasilidade. Somos uma espécie de instrutivos arquétipos vivos, um para o outro, da alteridade histórica franco-brasileira. De passagem, note-se que a ordem dessa palavra composta, “franco-brasileira”, em si mesma contém uma hierarquia que não deve ser desprezada. “Braso-francesa”, por exemplo, não é uma alternativa semanticamente aceitável. Sofremos ambos a historicidade dos arquétipos contrastantes, de modo que é justamente esta hierarquia singular que nos une.

É claro também que década e meia de domicílio no Brasil tem implicado um processo permanente de *aculturação*<sup>1</sup> de Jussara que,

---

1 Sei que este é um conceito *demodé*, mas estou longe de desprezar o duro racionalismo da sociologia tradicional, mesmo reconhecendo o que ele tem de unilateral e objetivista. De alguma forma estou mesmo tratando da fricção entre culturas nacionais ocidentais, tematizada por minha descrição da trajetória brasileira da autora deste livro, trajetória que permitiu a interseção entre nossas vidas e a construção de nossa amizade. Como venho afirmando, esse tema tem sido um elemento central, embora obviamente não único, de nossa relação afetiva e intelectual.

no caso de pesquisadores profissionais, é tanto existencial quanto intelectual. Eu arriscaria dizer que a aculturação, marcada pelo desconforto existencial do estrangeiro que deseja tornar-se “nativo”, está no horizonte de sentido da sociologia produzida por Jussara, ao mesmo tempo em que a produção intelectual é elemento central de seu “abrasileiramento” como pessoa. Penso que o que há de intelectualmente estimulante e duradouro em nossa relação e tem sido enriquecido e estabilizado pela dimensão afetiva, deve-se à semelhança da inserção profissional de ambos, que nos leva a uma reflexão conjunta permanente sobre nossas próprias práticas.

Há um outro aspecto do perfil pessoal de Jussara relacionado ao que acabo de comentar que, como ela sabe por reiteradas indicações de minha parte, me irritam sobremaneira: sua absurda modéstia. Para sustentar empiricamente esta afirmativa não é necessário ir muito longe. Basta ler a seção de agradecimentos deste livro, em que eu apareço como uma espécie de guru, sobre quem a influência de nossas conversas passa em brancas nuvens. Vejo um excesso de seriedade, responsabilidade moral e modéstia como o tripé básico do fragmento das práticas de Jussara que conheço pessoalmente. Em si mesmos, os três atributos são fundamentais. No entanto, levados ao extremo, prejudicam o desempenho profissional, dificultam as escolhas cotidianas que constituem a vida pessoal de cada um e, dessa maneira, irritam os amigos que, como eu, vislumbram um potencial em parte desperdiçado pelo exagero de zelo.

## **Sobre o livro**

O livro está organizado como a elaboração de um par de pesquisas empíricas que cobrem os anos de 2003 a 2016, realizadas em uma região da periferia carioca conhecida como Baixada Fluminense. Todo o trabalho é articulado segundo o tipo de pragmatismo dominante na atualidade, que pode ser qualificado como franco-americano – em uma palavra, Dewey e Mead “importados”, carregando com eles o liberalismo americano, e operados como dispositivo de combate aos (pós-)estruturalismos franceses, os quais, portanto, continuam de

alguma forma presentes. A autora evidencia um claro domínio dessa orientação, aliás muito superior ao meu próprio conhecimento. E compartilha o horizonte de sentido característico dessa vertente teórica, que se pretende uma crítica empírica da democracia, pensada como crítica *política*, porém não-normativa, cujo foco são as vicissitudes da transformação dos problemas sociais em problemas públicos. Segundo creio, há pelo menos duas vantagens nessa abordagem: a) negar as ideias correntes sobre a “sujeição” dos atores, individuais ou coletivos, considerando que eles sabem “o que lhes convém”, para usar a expressão de Thévenot; e b) recusar a tradicional superposição entre *o político* e *o estatal* e, assim, privilegiar as mediações, sempre concretamente situadas, entre a *sociedade* e a *política*.

O que mais me agrada nesta orientação geral é que ela evita a ancoragem da análise nas filosofias da justiça que orientam boa parte da crítica à democracia histórica característica da modernidade ocidental, cujos principais expoentes na atualidade são Habermas, Rorty, Honneth, etc. Ao contrário, as pesquisas apresentadas no livro adotam uma decidida postura teórico-metodológica favorável a uma compreensão realista, contingente, processual, situada – e, por tudo isso, pensada como *concreta*, como acabo de afirmar – das práticas de atores definidos como *competentes*, os quais produziram e transformariam a “democracia real”, concentrando-se na descrição empírica das divergências cognitivo-morais que dinamizam a “publicização”.

Mais à frente recorro a uma obra de Albert Hirschman, que nossa autora conhece e cita, para fazer um comentário, com o qual terminarei esta apresentação, sobre o sentido das transformações nas divergências acompanhadas pelas pesquisas tratadas no livro. Por ora, aceitemos que a dualidade das posições em debate acima esboçada, mesmo esquemática e descarnada como as apresentei, é plausível, pois quero sugerir que há um preço a pagar pela crítica pragmática às abstrações das filosofias da justiça.

Dois expoentes do pragmatismo, Luc Boltanski e Laurent Thévenot, sustentaram essa crítica em um importante livro, no qual firmam posição contra elas: a) ao propor substituir o que seria uma